



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

# Pontos Lilás - Perceções de jovens sobre violência de género em ambientes de lazer noturno em Barcelona e pertinência deste modelo na segurança destes ambientes

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante  
Ano letivo 2023/24

*Catarina Pinto Costa*

*Porto, 10 de outubro 2024*



# Pontos Lilás - Perceções de jovens sobre violência de género em ambientes de lazer noturno em Barcelona e pertinência deste modelo na segurança destes ambientes

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

*Catarina Pinto Costa*

Orientação: Professora Doutora Cristiana Vale Pires

Ano letivo 2023/24

*Porto, 10 de outubro 2024*

## *Agradecimentos*

À Prof. Dra. Cristiana Pires, agradeço toda a disponibilidade e cuidado que demonstrou ao longo de todo este processo. Por me incentivar a trabalhar cada vez mais e melhor no projeto.

Agradeço aos professores, membros da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, que contribuíram para a minha formação, permitindo-me completar a mesma, com sucesso.

À minha família, por toda a dedicação, carinho e apoio que sempre me deram. Pela oportunidade de estar onde estou, a alcançar os meus objetivos.

Ao meu irmão, agradeço por ser a pessoa que mais me motiva a ser um exemplo a seguir e por fazer de mim uma pessoa mais feliz.

Por último, mas não menos importante, à Francisca, por ser tão especial e por me dar a oportunidade de poder crescer ao lado dela, a celebrar todas as minhas conquistas.

## *Resumo*

Com esta dissertação, pretendeu-se compreender a perspectiva dos/as jovens, acerca da violência de género nos ambientes noturnos, assim como da relevância e eficácia dos Pontos Lilás, na segurança destes ambientes. Para esta concretização, foi executada a análise qualitativa, de entrevistas realizadas em Barcelona, a 15 jovens/adultos- de diferentes géneros, e com idades compreendidas entre os 18-24 anos. O estudo em questão abordou os conhecimentos, as experiências e os argumentos apresentados pelos/as participantes, de modo a compreender a ligação dos comportamentos nos contextos noturnos, com as questões de género e o consumo de substâncias psicoativas.

Os resultados demonstraram a normalização destes fatores, assim como a permanência dos casos de violência de género, sendo estes agravados pela vulnerabilização derivada do consumo de SPA. É igualmente evidenciada, a necessidade de alcançar respostas eficazes para a prevenção destes casos, nos locais, sendo a educação atempada e ativa dos indivíduos, a desconstrução de padrões patriarcais e projetos como os Pontos Lilás, ferramentas essenciais para este objetivo.

Em conclusão, os Pontos Lilás, enquanto resposta para a prevenção e atuação no assédio e violência dos espaços noturnos, são reconhecidos como uma resposta eficaz, proporcionando, aos/às frequentadores/as dos locais, sentimento de segurança. Foram, de igual forma, expostas algumas críticas ao modelo, sendo mencionada a necessidade de uma intervenção mais proativa e uma maior educação dos/as frequentadores/as.

*Palavras-Chave:* Violência de género; Consumo; Substâncias psicoativas; Ambientes de lazer noturno; Pontos Lilás;

## *Abstract*

This dissertation aimed to understand young people's perspectives on gender-based violence in night-time environments, as well as the relevance and effectiveness of the Lilac Points in securing these environments. To this end, a qualitative analysis was carried out of interviews conducted in Barcelona with 15 young people/adults of different genders, aged between 18-24. The study addressed the participants' knowledge, experiences, and arguments to understand the connection between behaviors in nightlife contexts, gender issues, and substance use.

The results showed the normalization of these factors, as well as the persistence of gender-based violence, exacerbated by the increased vulnerability resulting from psychoactive substance use. It also highlighted the need for effective responses to prevent such incidents in these spaces, emphasizing the importance of timely and active education of individuals, the deconstruction of patriarchal norms, and initiatives like Lilac Points as essential tools for achieving this goal.

In conclusion, Lilac Points, as a response to the prevention of harassment and violence in nightlife spaces, are recognized as an effective measure, providing venue-goers with a sense of safety. However, some criticisms of the model were also noted, including the need for a more proactive intervention and greater education for those attending these venues.

Keywords: Gender-based violence; Substance use; Psychoactive substances; Nightlife environments; Lilac Points

## **Índice de Anexos**

*Anexo I- Codificação de atribuições no âmbito da apresentação de resultados*

*Anexo II- Tabela de codificação e categorização de resultados*

## **Índice**

<i>Agradecimentos</i> .....	3
<i>Resumo</i> .....	4
<i>Abstract</i> .....	5
<i>Índice de Anexos</i> .....	6
<i>Introdução</i> .....	8
<i>Enquadramento Teórico</i> .....	11
<i>Método</i> .....	19
<i>Instrumentos</i> .....	21
<i>Procedimento de recolha e análise de dados</i> .....	21
<i>Apresentação de resultados</i> .....	21
<i>Discussão de resultados</i> .....	30
<i>Conclusão</i> .....	36
<i>Referências Bibliográficas</i> .....	37
<i>Anexos</i> .....	41

## *Introdução*

A violência de gênero é um fenômeno transversal e sistêmico, que passa a ser reconhecido pelas Nações Unidas, como uma grave questão, que vai contra os direitos humanos, tendo impactos significativos na vida das mulheres e raparigas, nos seus diferentes contextos de vida (Tavara, 2006).

De acordo com a Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica (comumente designada como Convenção de Istambul, este tipo de violência mostra-se associado à discrepância na igualdade estrutural e hierárquica, existente entre homens e mulheres, afetando, na sua maioria e desproporcionalmente, as mulheres e sendo principalmente perpetrada por homens. A necessidade de domínio sobre o gênero feminino, vem privar e constranger a autonomia e participação das mulheres na sociedade, mantendo as mesmas numa posição de subalterna e com menor poder simbólico, em relação aos homens (Pires, 2023). O controlo e a inibição da participação das mulheres na esfera privada e pública, são exercidos através de dinâmicas de poder, mais ou menos subtis, como é o caso do assédio sexual, da violação, da violência doméstica, e “crimes de honra”, configurando-se como uma violação grave dos direitos humanos (Sottomayor, 2015). A violência sexual é uma tipologia de violência de gênero, definindo-se como qualquer ação de coação, agressão ou atos sexuais não consentidos, que têm por base relações genderizadas de poder (Pires et al., 2018). Este tipo de violência afeta as suas vítimas, tanto a nível físico como psicológico, podendo ter consequências negativas e com impacto significativo na sua vida das mesmas (Tavara, 2006).

O assédio e a violência sexual tendem a estar normalizadas na esfera pública, e têm vindo a ser principalmente discutidas, investigadas e intervencionadas, em ambientes de lazer noturno. Nestes contextos, o consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas (SPA<sup>1</sup>) tem-se conceptualizado como um comportamento facilitador de violência sexual, tanto oportunista (na sequência de consumos voluntários de SPA) como premedita ou planeada (administração predatória de SPA sem o conhecimento da potencial vítima) (Plaza, Ferrer & Pires, 2022).

---

<sup>1</sup> Substâncias Psicoativas

Nesse sentido, a prevenção e apoio em situações de violência de gênero, em ambientes de lazer noturno, deve ter em conta as características destes contextos, assim com padrões comportamentais e relacionais das pessoas que os frequentam, entre os quais o consumo de SPA.

Reparamos que o consumo de substâncias psicoativas, nos/as jovens, foi aumentando com o tempo, principalmente no que se refere às drogas ilícitas (Shiner & Newburn, 1997, 1999). Atualmente, podemos observar, através dos relatórios do *European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction* (2024), que para além do aumento do consumo, há, de igual forma, um aumento nas consequências negativas associadas. O motivo deste aumento relaciona-se com a crescente normalização e aceitação social desses comportamentos na cultura *mainstream*, e com a crescente acessibilidade das SPA (Saunders, 1997). Os ambientes de lazer noturno, como discotecas e bares, apresentam maiores prevalências de consumo de SPA, do que as que encontramos na sociedade em geral (EMCDDA, 2006), havendo uma regularização na ingestão de álcool (inclusivamente entre menores), e uma maior tolerância e permissividade para com o uso de drogas ilícitas em eventos de lazer (Anderson, Hughes e Bellis, 2007; Sanders, 2006).

Notamos que o consumo voluntário ou involuntário de SPA, pode aumentar a probabilidade de ocorrência de casos de violência sexual, sendo que as vítimas são, muitas vezes, consideradas pelos ofensores como alvos “fáceis”. Identificamos casos em que os indivíduos se encontram incapazes de prestar consentimento, ou de se defender das situações de assédio sexual (Basile et al., 2011). Este pode ocorrer de forma premeditada (o agressor planeou e administrou à vítima uma substância psicoativa de forma furtiva), ou oportunista (o agressor aproveita uma situação em que a vítima se encontra em situação de vulnerabilidade química na sequência de consumos voluntários de SPA) (Praza, Ferrer & Pires, 2022).

Deste modo, segundo Mustaine e Tewksbury (2002) estas circunstâncias envolvem a “convergência de vítimas potenciais, infratores motivados e falta de defensores capazes” (Prego-Meleiro et al., 2022, pp. 286). Nestes contextos, as dinâmicas culturais, os estereótipos de gênero associados ao consumo de substâncias psicoativas, entre outras dimensões, têm vindo a ser investigados como fatores que agravam ou facilitam violência de gênero (Pires, 2018; Plaza, Ferrer & Pires, 2022; Pires, 2023; Correia et al., 2023, Pires et al., 2024). Por esse motivo, em Espanha, estes contextos são,

igualmente, reconhecidos como facilitadores (Delegação do Governo contra a Violência de Género, 2018).

Nesse sentido, a partir de 2017, começam a surgir, inicialmente em Espanha abordagens de intervenção em proximidade, que ficaram conhecidas como Ponto Lilás. Estes são modelos de intervenção que integram dinâmicas de psicoeducação, implementam estratégias para a redução de riscos e conscientização, sobre a problemática e intervêm em situações de crise relacionada com VBG. Este modelo de intervenção em proximidade, tem como objetivo principal a sensibilização para os temas de discriminação e violência de género, criação de espaços seguros e o apoio a vítimas na que experienciaram violência, ou que ativaram experiências de crise psicológica relacionada memórias traumáticas no evento que está a ser intervencionado (Pires et al, 2023).

A este nível, importa referir que a redução de riscos - partindo da concretização de diversas estratégias como forma de proteção e diminuição da exposição dos sujeitos aos possíveis perigos, neste caso tendo o propósito de evitar a violência de género - na área das drogas, foi uma abordagem pioneira no desenvolvimento de modelos de prevenção ambiental, psicoeducação e cuidado em ambientes de lazer noturno (Correia et al., 2023).

Estas abordagens têm vindo a implementar em proximidade serviços especializados, como é o caso do serviço de *drug checking* (análise química de SPA) e da *psycare* (primeiros socorros psicológicos e intervenção em situações de crise psicológica relacionada com o consumo e SPA) e outros serviços de redução e riscos (Valente et al, 2018). Estas estratégias começam a ser mais desenvolvidas no ano de 2000, através de exemplos como as campanhas educativas, em ambientes recreativos, que se mostraram, relevantes na ajuda para a redução de comportamentos de riscos. Estas estratégias, atuam, também, de forma positiva na diminuição da criminalidade e da exclusão social (Soares et al., 2017). Recentemente, notamos na evolução das respostas de prevenção e deteção dos momentos de violência de género (Pires, 2018; Pires, 2020), entre os quais a implementação de Pontos Lilás e de protocolos lilás em intervenções de redução e riscos – aos quais nos vamos referir como Modelos Lilás, abordados neste estudo.

Esta dissertação foca-se, fundamentalmente na perceção de jovens/adultos/as relativamente às dinâmicas de violência de género que ocorrem em ambientes de lazer

noturno e noutros contextos de socialização juvenil e às perceções e experiências de contacto com os Pontos Lilás em Barcelona.

Tendo em conta o seu âmbito, este estudo pretende contribuir para o conhecimento na área da prevenção e resposta a situações de violência de género em ambientes de lazer noturno. Em específico, esta dissertação apresenta uma análise exploratória sobre a relevância e utilidade dos Pontos Lilás na Catalunha, relativamente à promoção da segurança dos ambientes noturnos, a partir das perceções de jovens adultos/as (18-24 anos) que frequentam estes contextos. Este é um estudo qualitativo, baseado em grupos de discussão (*focus groups*) e entrevistas implementados ao/às jovens em Barcelona, no âmbito do projeto Crisscross - European Program to fight gender based violence in nightlife and leisure events, financiado no âmbito do programa CERV (Citizenship, Equality, Rights and Values) da Comissão Europeia.

## *Enquadramento Teórico*

### *Ambientes recreativos noturnos*

#### *1.1 Integração e diferenças de género em ambientes de lazer noturno*

Até há cerca de 60 anos, a vida noturna e todas as suas atividades eram exclusivamente voltadas para o prazer masculino. Bares e tavernas eram dominados por homens, enquanto mulheres eram frequentemente limitadas a papéis secundários, como servas, acompanhantes ou dançarinas, sem permissão para usufruir plenamente desses locais. Sendo a sua participação nestes contextos vista como transgressiva e como um reforço ao hedonismo masculino, tornando a mulheres, muitas vezes, vítimas de abusos, sem qualquer tipo de punição para os responsáveis (Pires, 2023). Com isto, observamos uma constante necessidade de atribuir uma visão erotizada à figura feminina nestes locais, refletindo aquilo que era esperado por esta na sociedade de antigamente (Pires, 2023). Segundo Beebejaun (2016), a objetificação da mulher, passa, deste modo, a ser alvo de críticas feministas, aludindo para a impossibilidade de inserção das mulheres na sociedade, sendo que haveria a criação de “ambientes de género” que se focavam na satisfação das carências dos homens (Davis, et al., 2019).

Foi somente com a chegada dos movimentos feministas nas décadas de 1960 e 1970 que inicia a luta contra estes mesmos ambientes, passando as mulheres a desempenhar um papel mais ativo na sociedade e a serem ouvidas. A luta feminista, baseava-se na chegada à igualdade de gênero, passando pela inclusão das figuras nos mesmos espaços que anteriormente eram frequentados exclusivamente por homens, levando a uma emancipação das normas culturais limitativas. Para além disso, defendiam a criação de condições que permitissem que os contextos fossem seguros e igualitários (Layard et al., 2017).

Atualmente, embora a figura feminina esteja mais integrada na vida noturna, sendo reconhecida como participante e consumidora, permanecemos a considerar que as características associadas a este gênero são a vulnerabilidade e as suas experiências limitadoras (Vaadal, 2020). Os receios associados aos contextos de lazer noturnos estão, maioritariamente, associados às mulheres e elementos da comunidade LGBTQIA+, sendo as principais vítimas de violência sexual. Comumente, este medo apresenta-se relacionado com a adulteração de bebidas, mostrando-se uma das principais práticas de controlo- mais associada ao sexo masculino- utilizadas nos tempos atuais, que levam à restrição das vítimas no consumo de substâncias psicoativas, ao até a própria assistência nos ambientes (Vaadal, 2020).

## *1.2. Práticas associadas aos contextos noturnos*

O consumo, desde cedo, foi reconhecido em homens, como um método de inserção na esfera pública, tendo um efeito contrário no caso do sexo feminino, na medida em que o ato passava a ser um motivo de punição, por colocar em causa os “atributos de feminilidade fundamentais” (Pires, 2023, pp. 70). Desta forma, haveria uma ligação da mulher com os conceitos de sobriedade e moderação. Contrariamente, a virilidade, sempre se apresentou ligada às características da figura masculina, realizando como principal atividade nos ambientes de lazer noturnos, o consumo de SPA e a sedução (Pires, 2023).

A procura de espaços sociais, como casas noturnas e salões de dança passa a ser notória com o final da Segunda Guerra Mundial (Measham, 2004). Mais tarde, evoluiu com a criação de clubes de striptease de Las Vegas, os cabarés de jazz de Chicago e as

discotecas gays de Nova York, vindo representar intemporalidade da sexualização do ambientes noturnos (Grazian, 2007).

Segundo Laumann (2004), é visível nos tempos atuais, os/as jovens reconhecerem, nestes ambientes, a possibilidade de encontrar parceiros sexuais, observando alguma facilidade nos mesmos (Grazian, 2007).

Esta facilidade pode ser justificada pelos autores Pedersen, Tutenges e Sandberg no seu artigo (2017), através da desinibição causada pelo consumo de SPA, que permitem que os indivíduos ajam em conformidade com o desejo sentido. Este é produzido através de características associadas a um determinado “contexto socioespacial específico”, no que se refere à especificidade das luzes, decorações e músicas, criando um ambiente alusivo a “mundos paralelos sensuais” (Pedersen et al., 2017, pp.2). Estes contextos proporcionam sensações, como a atração sexual e impulsividade para agir sexualmente, sendo descritos por Duff (2008) e Tutenges (2012) como estando “afetivamente carregados” ou sendo “máquinas de intensidade” (Pedersen et al., 2017, pp. 2).

### *Ambientes recreativos noturnos e consumo de substâncias psicoativas*

#### *2.1. As Substâncias Psicoativas em ambientes de lazer noturno*

Estudos relativos às Substâncias psicoativas, têm vindo a ser realizados há cerca de 6.000 anos, passando em 1500, pela exploração das plantas naturais, até às primeiras pesquisas dos efeitos das mesmas no cérebro, com Lewin (1524), apresentando o seu primeiro livro moderno, retratando os mecanismos de ação enteógena das drogas no cérebro (Miller, 2013). Assim, os consumos nestes contextos eram representados como uma forma de demonstrar a resistência e a superioridade nas figuras masculinas, havendo um consumo social e excessivo que se associava a uma das principais características dos mesmos (Pires, 2023).

Mais tarde, dá-se a investigação da ligação entre a vida noturna e o uso de psicostimulantes entre o ano 1990 e 2000, com a chegada da música rave e techno, e com o reaparecimento do ecstasy (Hannemann, et al., 2017). É assim percebido que os estudos e os resultados dos mesmos têm sido equivalentes ao longo dos anos, mostrando um consumo de substâncias mais significativo na vida noturna (Hannemann, et al., 2017).

Embora a temática das SPA seja uma constante ao longo dos tempos, a sua associação com a vertente patológica deu-se há cerca de um século, havendo conhecimento das consequências no abuso destes consumos. Também, por volta de 1920, era percebida a perigosidade do consumo de drogas como uso recreativo (Goode, 2006).

Com a necessidade de perceber as consequências a curto e longo prazo das SPA, as pesquisas permanecem até à atualidade. Focando no consumo em ambientes recreativos, podemos recorrer ao projeto *Sexism Free Night*, que tem como principal objetivo a “conscientização e sensibilidade de género em ambientes de vida noturna e por espaços de vida noturna mais seguros, diversos e igualitários” (Hernández et al., 2022, pp. 10).

Assim, é possível apresentar alguns dados relativos ao tema nos ambientes noturnos, sendo o álcool, o tabaco e a cannabis as três substâncias mais consumidas. Informa, também, que cerca de 64% dos indivíduos do sexo masculino e 55% do feminino “(...) consomem álcool sempre que saem à noite”, sendo igualmente citado pelos autores que o álcool é a droga “(...) mais prevalente em situações de violência sexual” (Hernández et al., 2022, pp. 31) .

Ainda dentro desta mesma temática, podemos encontrar dados que reflitam o impacto da violência no consumo, perguntando aos indivíduos entrevistados a natureza da violência sexual por meio de submissão química que eles sofreram, caso tenham experimentado tal violência, sendo os dados expostos “mulheres: 32,7%; homens: 11,4%; identidades de género não binárias e transgénero: 26,5%, demonstram uma frequência maior de submissão química oportunista” (Hernández et al., 2022, pp. 169).

Relativamente à intervenção que tem sido liderada pelas abordagens de redução e riscos em ambientes de lazer noturno, encontramos 3 níveis de atuação. Estes apresentam as medidas preventivas de VBG em contextos de lazer noturno, a sinalização de situações de VBG e a Intervenção em situações de VBG (Pires, 2023; Pires et al., 2024).

As medidas preventivas em articulação com a organização do eventos, apresentam uma atenção ativa, a quaisquer situações de violência com base no género, que decorrem durante os eventos, sendo os membros do projeto capazes de agir de forma imparcial, sem demonstrar qualquer género de discriminação. Também, a cautela em identificar locais de menos visibilidade, de forma a que haja uma segurança redobrada nos mesmos. Para além disso, é importante a existência de cartazes informativos sobre o Ponto Lilás, sendo um fator facilitador para as vítimas obterem ajuda (Pires, 2023).

No que se refere às sinalização de situações de violência de género, é essencial que todos os profissionais e voluntários/as participem na observação de momentos que se

mostrem desconfortáveis para os indivíduos, fazendo referência dos mesmos e contribuindo no auxílio (Pires, 2023).

Já relativo à intervenção, observamos o modelo de redução de riscos e o modelos de intervenção na crise psicológica. O primeiro modelo, refere-se à minimização das consequências e riscos no consumo de drogas, havendo um trabalho de prevenção no que se refere aos consumidores e outros membros participantes nos eventos. O modelo de intervenção na crise psicológica, desenvolve o mesmo trabalho com consumidores/as, de forma mais direta e imediata, agindo em conformidade com as situações apresentadas num determinado momento (Hernández et al., 2022).

É essencial reconhecer que os episódios de crise se revelam experiências complexas, que poderão derivar do efeito inesperado e negativo de uma SPA. Este impacto, faz com que seja necessário proporcionar à vítima um cuidado intenso, assim como um “apoio e conexão humana, com um estranho que aceita, incondicionalmente, num ambiente inesperado”, com o propósito de proteger, igualmente, a mesma, contra consequências negativas futura (Carvalho et al., 2019, pp. 10).

## *2.2 Riscos associados ao consumo de SPA em ambientes recreativos noturnos*

O uso de substâncias psicoativas apresenta uma diversidade de consequências como a violência, lesões e relações sexuais de risco, a curto prazo, como também doenças físicas e psicológicas (ex: dependências e redução de produtividade), a longo prazo (Nordfjærn et al., 2016). Para além disso, e acrescentando à desinibição que é causada pelas SPA, o ambiente noturno, que se mostra com uma elevada intensidade emocional, contribui para os fatores de risco presentes, potenciando as “transgressões do comportamento cotidiano” (Vaadal, 2020, pp. 2).

O conceito de violência de género é um fenómeno que sempre teve um papel presente na vida dos indivíduos, mas apenas recentemente passa a ser reconhecida pelas Nações Unidas, como uma grave questão que vai contra os direitos humanos (Tavara, 2006). O Instituto Europeu de Igualdade de Género (EIGE) faz menção a este conceito como qualquer tipo de violência que seja orientada negativamente a uma determinada pessoa devido ao seu próprio género, identidade ou à expressão do mesmo, que afete o indivíduo em questão (EIGE, 2021). Estes tipos de comportamentos afetam, na sua maioria, as mulheres, em diversos contextos, condicionando-as na sua integração e proibindo as mesmas de usufruir o seu direito de participar na esfera pública (e.g.

contextos de trabalho e espaços públicos) (Pires et al., 2018). Alguns estudos demonstram que em festas e festivais, o assédio sexual tende a ser normalizado e legitimado, dificultando a detecção e intervenção em casos de violência de gênero (Pires et al., 2018).

Sendo uma das principais teóricas feministas do século XX, Simone de Beauvoir, apresenta na sua obra "O Segundo Sexo", a violência de gênero como uma expressão direta da opressão que as mulheres sofrem na sociedade patriarcal. Nesse contexto, o conceito de violência é explorado como um mecanismo de "socialização" que perpetua a "dominação masculina", sustentando e reforçando sua posição de poder. Assim, a mesma afirma que a mulher "não é senão o que o homem decide que seja", atribuindo este poder à figura masculina (Beauvoir, 1949, pp. 11). Também, Judith Butler, defende que a violência é uma questão estrutural e política, tendo a mudança de partir de uma observação das relações de poder e da questão social, que promovem este tipo de desigualdade, observando a violência de gênero como a manutenção de fronteiras (Butler, 1988).

Ainda na tentativa de explicar as dimensões dos atos de violência, encontramos o modelo ecológico da violência, que tenta perceber as motivações destes mesmos comportamentos referindo diversas dimensões. Tomando o caso de um dos autores defensores do modelo, Bronfenbrenner menciona a violência, seja esta física, psicológica ou sexual como um fenômeno afetado por diversos fatores a diferentes níveis- seja social ou individual-, ocorrendo em qualquer contexto (Bronfenbrenner, 1979). Também, Krug (2002) refere a violência como um fenômeno complexo, que deriva de uma interação complexa de fatores individuais, relacionais, comunitários e sociais, onde as causas destes mesmos atos são diferentes e podem-se alterar de acordo com o contexto em que sucedem e o tipo de agressão.

Para além de restringir as vítimas dos seus direitos, a violência de gênero leva a que estas se sintam psicologicamente afetadas, sendo a "cultura do silêncio" agravada pela culpabilização da vítima. Os autores Sundaram e Jackson(2018) referem que este silêncio vem manter a ocorrência dos atos de violência sexual nos ambientes de lazer noturno (ex: festivais, bares e discotecas), sem que estes sejam visíveis. Para além da culpabilização, há uma percepção pouco clara, designada por "estado de confusão e culpa", descrito como um estado que promove a dúvida, levando a que o indivíduo, questione a sua posição de vítima, refletindo na possibilidade de ser responsável pelo crime. É mencionado este fator como um influenciador para a falta de denúncias, não chegando a

ser realizadas, sendo mais notório nos casos de consumos de substâncias (Lawn et al., 2019).

### 2.3. A emergência dos modelos de intervenção Ponto Lilás

Com o extenso número de casos de violência sexual presentes nos eventos de lazer noturnos, foi necessária a criação de um projeto que conseguisse agir de forma preventiva e interventiva nestas situações. Deste modo, surge, em Espanha, os Pontos Lilás ou Puntos Lilas- promovido pela iniciativa “Sexism Free Night” em 2019- que vem garantir ambientes de lazer noturno seguros e igualitários, livres de violência. Este modelo de intervenção em proximidade, em contextos de festa noturnos e diurnos, tem como principal objetivo assegurar que mulheres ou quaisquer possíveis vítimas de violência sexual sejam ajudadas de forma eficaz, proporcionando locais seguros em que estas possam ser informadas, aconselhadas e acolhidas consoante as suas necessidades.

Articulando com a Kosmicare<sup>2</sup>, que já vinha a desenvolver este trabalho, produzem um protocolo- Lilac Care ou Protocolo Lilás- onde são executadas práticas de cuidado a vítimas de violência de género em 5 festivais de grande porte em 2022 em Portugal (e.g: Queima das Fitas em 2019 e NOS Primavera Sound no mesmo ano) (Pires, 2018). Este protocolo tem como objetivo não só a prevenção da violência de género, mas também consciencializar e instruir para o conceito de igualdade de género; trabalhar para a diminuição de riscos relacionados com os consumos de álcool e drogas, como para a construção de padrões mais seguros deste mesmo consumo; a perceção e ajuda em situações de crise, estejam relacionadas com os consumos ou qualquer ato de violência sexual; uma intervenção *bystander* (Pires, 2018).

Também, no que se refere à ação preventiva, o Ponto Lilás executa atividades que promovam a sensibilização, através de eventos públicos e redes sociais.

Embora sejam equivalentes, podemos notar em pequenas diferenças entre os focos do Ponto Lilás em Espanha e Portugal. Deste modo, em Espanha, o foco encontra-se na ação preventiva, e em Portugal há um foco maior na intervenção, apoiando em casos de crise psicológica. Tratando-se de casos de agressão sexual, que apresentam um grande impacto

---

<sup>2</sup> Organização não-governamental portuguesa especializada na implementação de serviços de redução de riscos em ambientes de lazer noturno. Mais informação sobre esta organização disponível em: [www.kosmicare.org](http://www.kosmicare.org)

a nível psicológico, é necessário que haja uma abordagem de qualidade na ajuda às vítimas (Rodríguez, 2019).

Neste seguimento, é recomendável que os membros da equipa tenham competências de atendimento com vítimas, e violência de género percebendo algumas das orientações fornecidas. A equipa deve também ter literacia na área de género, evitando reproduzir estereótipos e abstendo-se de julgamentos de moral que culpabilizem a vítima pela violência que experienciou. Acima de tudo, é fundamental criar condições de segurança, reconhecendo que a vítima terá possivelmente passado por uma experiência traumática, sendo necessário gerar um espaço físico, que se apresente emocionalmente seguro para os indivíduos (Pires et al., 2022). Em muitos casos torna-se necessário garantir a privacidade, conforto e a segurança da vítima, levando-a para uma área ou local mais resguardado, longe da confusão que caracteriza os ambientes de lazer noturno e os festivais de verão. É igualmente essencial informar relativamente à questão da confidencialidade, mostrando que esta poderá relatar a situação não correndo o risco de ser exposta.

Outra questão necessária a ser abordada são os procedimentos em relação às diversas situações de violência expostas. Com a formação a equipa passa a adquirir conhecimentos como por exemplo, no caso da violação “Possibilidade de Profilaxia Pós-Exposição” nas primeiras 72h após a ocorrência possibilidade de apresentação de queixa formal informar a pessoa sobre o procedimento de recolha de provas/provas, caso queira realizar uma denuncia” (Pires et al., 2022).

### *Projeto CRISSCROSS*

Semelhante à iniciativa do protocolo Lilac Care, o projeto CRISSCROSS tem como principal objetivo combater VBG em locais de diversão noturna, que apresentam um público alvo jovem. Deste modo, é pretendido o aumento da sensibilização e a mudança no padrão de comportamentos de forma a evitar comportamentos de violência de género, ligados ao consumo de substâncias. Este projeto está ligado à LGBTIfobia, sendo os elementos pertencentes à comunidade LGBTQIA+, um dos alvos que apresentam um número significativo de casos de violência.

## *Método*

Tendo em conta o descrito, este estudo pretende contribuir para a perceção do papel dos Pontos Lilás e a sua eficácia na prevenção e proteção dos indivíduos que frequentam ambientes de lazer noturno, que poderão ser vítimas da VBG. Esta pesquisa terá como base a análise de entrevistas individuais e entrevistas no âmbito de dois *focus groups* diferentes, realizados a jovens que frequentam os contextos em estudo, por profissionais em Barcelona.

Com o crescimento da implementação dos Modelos Lilás, em diversos ambientes de lazer noturno, como festivais de grandes dimensões, é importante a perceber a importância desta intervenção para a segurança dos contextos. O presente documento, apresenta, deste modo a questão “Perceções de jovens sobre violência de género em ambientes de lazer noturno em Barcelona e pertinência deste modelo na segurança destes ambientes”.

### Este estudo tem como objetivos específicos:

1. Analisar a perceção de relevância e de impacto dos modelos de intervenção Ponto Lilás de um grupo de jovens adultos/as (18-24 anos) em Barcelona;
2. Refletir criticamente sobre a relevância destes modelos de intervenção para a prevenção, deteção e resposta a situações de violência de género em ambientes de lazer noturno

O método escolhido para este estudo é o método qualitativo exploratório, que tem como objetivo investigar uma determinada questão através da recolha e análise de dados descritivos aprofundados. Nesta abordagem encontramos uma investigação/ visão indutiva, onde o responsável pelo estudo formula uma determinada questão de investigação que guiam a pesquisa, não adotando uma direção causal entre as diferentes variáveis. Não partindo de qualquer teoria já observada, pretende encontrar determinados ligações e/ou padrões com os dados encontrados (Coutinho, 2014). No que toca à relevância do método neste estudo, vemos que esta abordagem se foca na exploração de fenómenos com uma teoria prévia quase inexistente, reconhecendo que o impacto dos Pontos Lilás se encontra pouco estudado.

Deste modo, o estudo contou com a análise documental e análise de *focus groups*, onde são apresentados dados relativos a experiências negativas e positivas vivenciadas

nos contextos noturnos, consumo de substâncias nestes ambientes e perspetivas sobre a pertinência do Modelo na segurança dos mesmos.

A utilização *de focus group* permitiu a observação de diferentes visões relativas à mesma temática, sendo esta a principal fonte de obtenção de dados para a pesquisa. Com isto, esta metodologia pretende visualizar uma perceção mais aprofundada da abordagem metodológica em questão, de forma a que surjam temáticas novas e relevantes para o estudo (Dreachslin,1999; Leitão & Vergueiro, 2000; Wall, 2001).

O presente estudo insere-se no âmbito do projeto CRISSCROSS<sup>3</sup>, que implementou uma investigação qualitativa e em 5 cidades Europeias (Porto, Barcelona, Milão, Luxemburgo e Dublin), observa estas experiências nos ambientes de lazer noturno, estereótipos de género relacionados com o consumo de substâncias psicoativas e a frequência destes nos contextos referidos.

O método incluiu a realização, em cada uma das 5 cidades, de 4 grupos de discussão: 3 *focus groups* com jovens adultos/as com idades compreendidas entre os 18-24 anos (1 *focus groups* com mulheres cisgénero, 1 com homens cisgénero e 1 com pessoas trans e não-binárias); e 1 *focus groups* com profissionais a trabalhar na área da prevenção e intervenção em violência de género, na área das drogas, em contextos educativos e em ambientes de lazer noturno.

O presente estudo foca-se nos dados recolhidos junto de jovens adultos/as em Barcelona. Desta forma, foram analisados os dados dos *focus groups* com mulheres cis e com pessoas trans, e 3 entrevistas individuais (com homens cis<sup>4</sup>). Em relação aos temas analisados, o presente estudo focou-se nas perceções dos/as jovens participantes em relação ao impacto e utilidade aos modelos Pontos Lilás em ambientes de lazer noturno.

Como apresentado anteriormente, o presente estudo irá utilizar um processo de amostragem probabilística intencional, que utilizou as redes sociais como uma estratégia de recrutamento, assim como o incentivo através de vouchers de compensação no valor de 20€.

---

<sup>3</sup> A investigação foi liderada pela Kosmicare, sendo a Dr<sup>a</sup> Cristiana Vale Pires - orientadora do presente trabalho - a Investigadora Principal deste projeto.

<sup>4</sup> Devido à dificuldade de recrutar homens cis para o grupo de discussão, a equipa de investigação optou por realizar 3 entrevistas individuais.

## Instrumentos

No que se refere aos instrumentos, os *focus groups* utilizaram um guião fazendo uso de técnicas de elicitación, como sugerido por Barton (2015), constando gráficos, imagens e manchetes mediáticas de forma que haja uma discussão e análise, de diferentes representações e estereótipos. As entrevistas a homens cisgénero utilizaram um guião com um conjunto de questões, que apresentam as seguintes temáticas, divididas em 3 partes:

1. Perceção sobre VBG<sup>5</sup>, segurança/insegurança na vida noturna (Parte 1)
2. Mitos sobre sexo e violações, relacionados com o consumo de substâncias psicoativas (Parte 2)
3. Perceção da relevância/prioridades para a intervenção/ação/políticas, na vida noturna (Parte 3)

## Procedimento de recolha e análise de dados

Relativamente à recolha de dados em análise, esta foi realizada por diferentes profissionais do projeto Crisscross em Barcelona, através de entrevistas que, posteriormente, foram transcritas e apresentadas.

As transcrições de ambos os *focus groups* e das 3 entrevistas foram analisadas com o apoio do software Nvivo.

Este software é relevante e vantajoso para a pesquisa de padrões inerentes aos instrumentos, neste caso a transcrição detalhada das entrevistas realizadas através do guião. A escolha de utilizar este software como base de análise, foi realizada devido à sua predisposição para acolher dados qualitativos de forma organizada, havendo a possibilidade de categorizar os dados (Goode, 2006). Para além disso, há uma redução relativamente ao tempo que é despendido nesta mesma organização de dados (Mozzato, 2016).

## *Apresentação de resultados*

---

<sup>5</sup> VBG: Violência Baseada no Género

Através da leitura e análise dos *focus groups* e das entrevistas realizadas a indivíduos que frequentam ambientes de lazer noturno, conseguimos identificar temáticas e opiniões relevantes para a compreensão da utilidade e importância do serviço. Durante as entrevistas, foram abordadas diversas temas relativas às práticas de intervenção, que atuam como resposta à prevenção de situações de violência de gênero, nos ambientes de lazer noturnos, sendo expostas algumas partilhas, em específico, sobre os Pontos Lilás.

## **1. Diferenças de gênero na percepção da (in)segurança em ambientes de lazer noturno**

### **1.1. Características dos ambientes de lazer noturno e percepção de segurança**

Os/as participantes apresentaram um critério de escolha baseados na oferta de estilos musicais preferenciais, na possibilidade de interação social e na facilitação do consumo de substâncias psicoativas- *“sim, há sempre álcool pelo meio e nada mais, é como estar ali a ouvir música, a dançar e nada mais”* (CM\_P3). Contudo, observamos o cuidado, exposto pelo/as entrevistados/as, em escolher espaços que tenham uma representação diferente, onde os indivíduos reconheçam semelhanças nas características pessoais dos/as frequentadores/as, como *“LGBTBfriendly”*, onde observem que *“as mesmas pessoas estão a entrar”* (FG1\_P2).

Também, é destacada a importância na escolha de contextos onde haja mais *“liberdade para entrar como quero”* (FG1\_P6), e onde os/as sujeitos/as, não sejam visualizados/as como objetos para a *“sexualização dos ambientes”* (FG1\_P2). Esta objetificação do gênero feminino, apresenta-se pela aliciação dos homens para os espaços *“quanto mais mulheres houver, mais homens vêm porque os homens sabem o que querem”* (FG1\_P2). As estratégias utilizadas destacam-se pelas exigências de vestuário- *“Deixam entrar uma rapariga de saltos e vestido antes de uma rapariga que está confortável com sapatilhas e calças de ganga”* (FG1\_P5).

### **1.2. Percepção de insegurança, cuidado e comportamentos de auto-proteção**

Os dados revelam que o medo de violências sexual, em ambientes de lazer noturno e a adoção de comportamentos de auto-proteção, são principalmente revelados por mulheres. Na temática relativa à ingestão de álcool, notamos nas preocupações incutidas aos/às jovens, a nível da gestão da quantidade álcool, como a nível da adulteração do mesmo— “*O meu pai dizia-me 'vê sempre o teu copo, tapa-o, não deixes que te deem nada aberto*” (FG2\_P6).

Diversos/as participantes, principalmente mulheres, pessoas trans e pessoas não-binárias, mencionaram desconforto relativo à exposição corporal- “*Quando mostro a barriga sinto mais olhares do que quando estou mais coberta.*” (FG1\_P2). Como método de prevenção, é mencionada a adaptação de vestuário, ao sair à noite.

O medo de conflitos físicos e comportamentos agressivos é, na sua maioria, exposto por homens- “*Lidamos com o problema saindo do local, em vez de responder ou fazer frente*” (CM\_P2). No *focus groups*, com pessoas trans e não-binárias, foi igualmente observada esta preocupação, sendo a sua fundamentação distinta- “*Tenho muito medo de sofrer ataques de ódio por ser trans*” (FG1\_P2).

A escolha de lugares conhecidos pelos/as participantes, assim como a presença de amigos/as nestes, são descritos como elementos que amplificam a segurança interpares. “*Eu diria que em 90% dos casos, acompanhamos sempre toda a gente a casa*”(CM\_P2), adaptando os horários e planos para que não haja disparidade no grupo.

## **2. Consumo de álcool e outras SPA como facilitadores da violência de género**

### **2.1. Expectativas sexuais associadas ao consumo de substâncias psicoativas em saídas à noite**

Ao longo das entrevistas, foi revelado que os ambientes de lazer noturno, estão associadas a comportamentos desinibidos e permissivos, estendendo-se ao envolvimento amoroso casual- “*porque a noite está associada (...) ao "flirt"*” (FG2\_P5). Em concordância, os/as participantes, manifestaram que este envolvimento não se apresenta como principal motivação para sair à noite- “*Não saio com essa expectativa*” (...) “*se no*

*momento gostar de alguém ou alguém me atrair, então sim, fico interessado*” (CM\_P2). Em contradição é referido pelos/as mesmos/as, uma associação elevada ao género masculino, comparativamente a indivíduos de outros género - *“O desejo sexual, em geral (...) quando se vai festejar com um homem é muito elevado e com uma mulher é (...) passa despercebido”* (FG2\_P2).

O consumo apresentado pelos/as entrevistados/as, de álcool e outras substâncias psicoativas, durante as saídas, apresenta uma oscilação entre padrões de consumo mais moderados ou mais intensivos- *“Eu normalmente bebo, mas já saí sem beber”* (CM\_P1); *“Não me limitaria apenas ao álcool. Se o meu objetivo nessa noite é ficar acabado, ou tento utilizar poppers”* (CM\_P3).

Este consumo surge como facilitador de interações sociais, enquanto outros/as revelam que os efeitos desinibidores das substâncias potenciam o envolvimento afetivo e sexual- *“Os homens são mais: bem, vamos descobrir... com quem me vou envolver hoje”* (FG1\_P4), enquanto que o consumo nas mulheres justifica-se pela integração *“para se integrar e perder a vergonha”* (FG1\_P4). Também, é apresentado, que a desinibição potenciada pelo consumo de SPA, permite explorar e experimentar interações sexualizadas para além das normas e papéis de género tradicionais. *“Porque em certos papéis de género, não és assim tão livre para encarnar esse desejo”* (FG1\_P2).

## 2.2. Perceção de benefícios e riscos associados ao consumo de substâncias psicoativas em ambientes de lazer noturno

Os dados demonstraram que o consumo possibilita uma maior desinibição social e um sentimento momentâneo de felicidade. *“Claro, quer dizer, o álcool desinibe um bocadinho (...) divirto-me melhor quando bebemos”* (CM\_P1), fazendo com que os indivíduos sintam que as experiências vividas sob o efeito das SPA sejam mais positivas- *“amplifica o quão bom aquele momento poderia ser”* (CM\_P2).

É, de igual forma, mencionada a criação de relações, sejam estas sexuais, *“pode deixar-te mais excitado”* (CM\_P3), ou no âmbito da amizade, *“falar de coisas que não esperava, com pessoas que não esperava”* (CM\_P2), podendo proporcionar também oportunidades de conexão com outras pessoas, *“descobrir como... pessoas e partes destas que não sabia”* (CM\_P2). São também referidos os efeitos euforizantes das substâncias

psicoativas, “*dá-te mais energia*” (CM\_P3), permitindo uma maior permanência nos locais.

Em relação aos riscos associadas às SPA, o mal-estar físico e a repercussão na imagem social, são tidas como possíveis consequências negativas, assim como a perda de capacidade de decisão. “*Em geral, temos menos controlo do nosso corpo, e nas decisões*” (CM\_P1), levando a que haja um aumento da vulnerabilidade física e psicológica. Esta vulnerabilidade química das SPA, é destacada como principal promotora de risco de violência sexualizada ou interações sexualizadas não pretendidas, podendo ser vista em relatos dos/as entrevistados/as “*(...) ofereceu-lhe álcool, e suponho que nesse sentido tenha ficado mais desinibido e depois foi abusado*” (CM\_P2). Alguns/mas participantes terão evidenciado o consumo de SPA involuntário, por parte de colegas, devido à sua administração predatória. “*Levaram-na às urgências porque alguém a drogou, porque só tínhamos bebido álcool*” (FG1\_P3).

### 2.3. Representações de género associadas ao consumo de substâncias psicoativas

Os/as participantes concordam que o consumo excessivo de álcool e/ou de outras SPA, em ambientes de lazer noturno, aumenta a desproteção sexual das mulheres por estas tenderem a ser desumanizadas e percecionadas como sendo mais acessíveis disponíveis sexualmente. Desta vez, não se reconhece que as mulheres possam apenas “*beber apenas para se divertir*” (FG1\_P1), sem que sejam observadas como mais suscetíveis ao abuso, colocando a premissa “*se bebes e perdes o controlo, estás a dar a oportunidade para que te façam algo*” (FG2\_P6). Por sua vez, estes consumos são apontados como uma causa para a impulsividade sexual masculina. “*Há desinibição e desaparecem também, as barreiras que levantaríamos se estivéssemos ‘sóbrios’*” (FG2\_P6).

Séries e filmes são apresentados, pelos/as participantes, como influencias para as imagens estereotipadas de mulheres que apresentam consumos de SPA nos contextos de lazer noturno.- “*Normalmente, as cenas sexuais vêm de festas, ou ocorrem após as festas, em que estão bêbadas*” (FG1\_P3), sendo destacada pelo/a participante 2 (FG1), que a culpabilização terá de ser efetuada aos verdadeiros responsáveis- “*em vez de se falar na mulher, devia-se falar no homem*”.

### **3. Representação sobre a violência sexual em ambientes de lazer noturno**

#### **3.1 Processos de socialização de género**

Os dados revelaram que os processos de socialização de género podem estar relacionados com as crenças de género associadas ao consumo de substâncias psicoativas e à frequência de ambientes de lazer noturno. *"Somos educados de formas muito diferentes... e por isso temos preocupações diferentes"* (FG2\_P6).

Muitos/as dos/as participantes expressaram que a masculinidade hegemónica é reforçado por fatores familiares, culturais ou até religiosos, que fomentam reproduzem relações de poder na sociedade. *"Os valores que são ensinados sobre a masculinidade hegemónica (...) fazem com que a maioria dos agressores sejam homens"* (FG2\_P7).

A submissão foi atribuída à feminilidade, sendo a mulher representada como servil e subalterna ao género "dominante". *"Deus criar o homem e depois a mulher, que era como uma companheira" (...) "os homens são ensinados que as mulheres... são como um acesso livre para eles" (...) "o problema não é a religião, mas o facto de ser enquadrada num sistema patriarcal"*. (FG2\_P6).

Foi ainda referida a conexão do contexto patriarcal com a violência de género, sendo mencionado pelo participante 4 (FG1) que a pornografia *"acaba por representar muita violência, especialmente contra pessoas não binárias e trans"*, responsabilizando este meio pela normalização da violência sexual, e pela construção das narrativas de género- que se mostra mais preocupante quando o conteúdo é observado por crianças, tornando-se *"mais complicado de travar o ciclo"*.

#### **3.2. Experiências descritas nos contextos de lazer noturnos**

Os ambientes de lazer noturno são reconhecidos pelas experiências positivas que proporcionam, através da partilha de momentos, ou de felicidade- *"envolver-se com alguém e a pessoa está feliz"* (CM\_P3); e conversas que levam os indivíduos a criar uma conexão- *"conhecer alguém durante a saída"* (CM\_P1). No entanto, relativamente às experiências negativas, vividas/observadas nestes contextos, referem a sensação de

desconforto e ansiedade, assim como pressão de agir em conformidade com o espectável “Tive que fazer aquilo (...) parece que sou forçado a fazer só para ela se calar e ir-se embora.” (FG1\_P5). Também, identificamos a falta de imposição devido à necessidade de respeitar a vontade dos outros “Porque estava a dormir em casa de outra pessoa, mas não queria estragar a festa e ser “party-pooper”” (CM\_P2).

No que diz respeito à violência sexualizada, é exposto que estas podem ocorrer “em todo o lado” (FG1\_P5). Os contextos privados são, igualmente referidos- “estes casos ocorrem em casa de pessoas conhecidas, amigos, ou até colegas, em espaços considerados “seguros”” (FG1\_P4)-, podendo ser perpetrados por indivíduos de variadas “idades, classes sociais, nacionalidades, religiões e culturas” (FG1\_P5), que se ligam aos agressores.

No que diz respeito aos comportamentos de importunação e de assédio sexual, “em festas grandes, acho que infelizmente acontece mais” (CM\_P2), havendo nestes locais “mais contacto físico ou mais assédios diretos”. Os relatos apontam, assim, para a normalização do assédio ocorridos em ambientes de lazer noturno. “Os homens cis irão, a um certo ponto, assediar-me” (FG1\_P2). Revelam também a perceção de impunidade, sendo estes comportamentos minimizados e desvalorizados. Alguns/mas participantes partilharam experiências em que tiveram de intervir, na qualidade de *bystander*- “A pessoa em questão não parava de a assediar, e eu tive de me envolver, de forma a parar a situação” (FG1\_P5).

### 3.3. Perfil dos agressores em ambientes de lazer noturno

Observamos a concordância entre a associação dos comportamentos de agressão sexual, ao género masculino - “objetivamente, tem-se provado que os homens agridem, mais frequentemente, sexualmente, mulheres ou menores” (FG2\_P6). De forma mais generalizada, encontramos descrições relativas às idades “por volta dos 30 anos” (CM\_P1), como também à falta de educação e capacidade cognitiva dos ofensores. Também a sexualidade é referida, considerando os ofensores heterossexuais, mesmo nos casos de agressão contra indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Diferentes relatos, revelam que os agressores são descritos como indivíduos que “por norma se encontram mais embriagadas, o que significa que provavelmente não o

*fariam se estivessem sóbrias*” (CM\_P2). Nestas descrições, o agressor é separado da sua ação, sendo que as agressões são associadas a pessoas desviantes, doentes ou sob o efeito de SPA.

São apresentados casos em que demonstram a possibilidade dos agressores pertencerem ao “grupo”, ou até presenciando uma relação de intimidade com a vítima – *“uma agressão que sofri, por suposto amigo meu da altura*” (FG1\_P3). Em alguns relatos, surge também a crença de que esses comportamento não ocorrem nos seus grupos de amigos. *“Nos ambiente que frequento, sim. No meu grupo de amigos, não*” (CM\_P1).

#### **4. Reflexão sobre a intervenção e os modelos Pontos Lilás**

Identificamos a responsabilização da sociedade e da educação, na dificuldade de prevenir e desnormalizar os episódios de assédio- *“somos todos culpados pelo facto de existirem violadores (...)”* (FG2\_P6), sendo a educação criticada pela falta de trabalho na prevenção, *“educamos para evitar!”* (FG1\_P1). Deste modo, é exposta a necessidade de respostas eficazes no combate à VBG e quebra do ciclo de violência- *“educar o agressor para evitar futuras violências”*.

A falta de informação relativa à VBG, é também mencionada, como promotora da “criação” de novos agressores *“algumas violações, da parte do agressor, não são conscientes; talvez tenha interpretado mal os sinais”* (FG1\_P5). A solução apresentada, passa pela *“liberdade sexual acompanhada por educação sexual para se perceber”* (FG1\_P6), permitindo a instrução para o reconhecimento do direito da livre expressão e do dever de respeitar o próximo.

O modelo interventivo dos Pontos Lilás como sendo notória nos diversos eventos, mesmo que não haja utilização do serviço por parte dos/as participantes. *“Sim, sim, sim, normalmente há sempre um, pelo menos nos últimos anos”*(CM\_P1). Alguns/mas participantes apresentam o reconhecimento da disponibilidade da iniciativa, na ajuda à prevenção e da sua regularização- *“Não, não, quando sais, não percebes que há um Ponto Lilás, mas existem”* (FG1\_P5).

A visibilidade que os Pontos lilás apresentam é, por vários/as entrevistados/as, através da transmissão de informações, que é realizada por voluntários da organização *"Duas raparigas vieram e disseram- "Sabes o que são os Pontos Lilás? Olha, está ali, se quiseres ir"*(CM\_P1), realizando um papel sensibilizador.

Não deixando de identificar este papel, os participantes mencionam a falta de intervenção educativa. *"Tem panfletos lá ou preservativos e tal, mas 'para quê que eu quero isso?'"*(FG1\_P3), revelando a necessidade de instruir os frequentadores sobre comportamentos apropriados nos espaços de lazer, acabando por limitar o potencial impacto nas dinâmicas de segurança e respeito dentro dos eventos.

Contrastando, encontramos participantes que verificam uma função de consciencialização para os tipos de agressões presentes nestes contextos, por parte dos Pontos Lilás. Especificamente na dedicação e especialização relativa às questões das agressões sexistas e LGTBfóbicas, é explicado pelos entrevistados/as que- *"Disseram-nos que é o ponto de atendimento para tratar de agressões sexistas, LGTBfóbicas e afins, e ofereceram-nos pins"* (CM\_P1).

Quanto à relevância deste método de prevenção, foi percebida a sua importância- *"Acho que são uma resposta a uma necessidade social. Se tens um problema endémico de agressões contínuas, então o mínimo que podes fazer é oferecer um serviço para as vítimas"*(CM\_P1), sendo valorizado o projeto pela sua eficácia. Observamos que mesmo os sujeitos que não utilizam o serviço, apresentam respeito pela iniciativa- *"Acho que são muito necessários, tipo para ter um ponto de referência"*(CM\_P2), demonstrando o sentimento de segurança provocado nos/nas mesmos/as- *"Sinto-me mais calmo no sentido em que... bem, sei que é uma festa segura"*.

Consideramos que o sentimento de segurança é, na maioria das vezes, provocado aos/às frequentadores/as, através das medidas presentes no projeto, mas é relevante entender alguma questão menos positiva associada à presença deste nos locais de lazer. Assim, observamos o destaque *"eu queria divertir-me e agora estão a lembrar-me que posso ser violada esta noite (...) lembrei-me que sou diferente do meu amigo, porque algo me pode acontecer"*(FG2\_P7), onde o/a entrevistado/a, destaca sensação de vulnerabilidade relacionada à disposição de publicidade dos Pontos Lilás. Estes provocam *uma dualidade*

*entre a apreciação pela segurança que o espaço proporciona, e o reconhecimento de que a atenção tem de estar do lado do agressor, responsabilizando-os de forma mais direta.*

Contradizendo a afirmação do participante 2 (FG1), "*sim, há muitos Pontos Lilás que são bons... penso que muitos são influentes*", alguns intervenientes consideram que os Pontos Lilás não cumprem o seu objetivo de forma eficaz. Tomando o caso do/da participante 5 (FG2), é comparado o projeto a uma forma de "*greenwashing*", afirmando ser uma solução superficial, que não resolve a problemática, não apresentando utilidade na sua prática. Apoiando esta perspetiva, o/a P1, embora seja protegida a institucionalização do projeto, refere que esta deveria ser utilizada como um verdadeiro espaço de intervenção e educação, e não como uma ferramenta de marketing para criar uma falsa sensação de segurança-"*É bom ter um espaço, mas talvez tenhamos de encontrar uma forma de evitar... quando já aconteceu, resolvemos, mas já aconteceu*". Esta ineficácia, é mencionada pela P4 como estando ligada à falta de autonomia e às limitações do projeto.

Deste modo, é referido que, em caso de denuncia, o agressor pode continuar a sua conduta até que o protocolo permita a sua expulsão, não havendo um ação imediata perante a exposição de perigo. "*Tens um aviso, então à terceira vez vais embora...*". A problemática associada ao tema é demonstrada pelo participante 6 (FG2) "*eles chamaram à atenção, ele continuou a fazer o mesmo e não fizeram mais nada*", expondo que os avisos graduais podem não ser suficientes, levando a uma extensão do número de vítimas. É reconhecido, pelos intervenientes que as normas que se encontram previamente estabelecidas, podem falhar a nível da proteção das vítimas em tempo real.

Embora ocorram algumas discordâncias relativas à limitação, ou não do projeto, estas não invalidam que a existência dos Pontos Lilás seja observada, de forma consensual, como importante e indispensável.

## *Discussão de resultados*

A análise de dados permitiu perceber que, embora não haja concordância quanto aos locais frequentados, as suas características são perceptíveis numa visão geral, focando-

se em estilos musicais, na possibilidade de interação social e na centralidade do consumo de SPA. Além disso, observou-se, no caso de mulheres cis, pessoas não binárias e pessoas trans, uma procura por locais LGBTQIA+ friendly, onde a sexualização não seja evidente. Estes grupos preferem contextos em que as regras não tenham como objetivo aliciar homens através de especificidades de vestuário, que permitam a objetificação das mulheres. Estes padrões são corroborados por Gunby, Carline, Taylor e Gosling (2020), que mencionam normas de vestuário impostas aos/às frequentadores/as, a contratação de funcionários/as atraentes e o uso de propaganda sexualizada como métodos de entretenimento. Estas práticas contribuem para a percepção das mulheres como alvos a serem perseguidos.

A uniformidade na percepção de segurança nos locais também não foi observada. No caso dos homens cis, por norma, qualquer local era considerado seguro, com a preocupação principal centrada no medo de conflitos físicos e comportamentos agressivos (Vaadal, 2020). Por outro lado, para as mulheres cis, pessoas não binárias e pessoas trans, a preocupação é distinta, focando-se na violência sexual ou de género, física ou psicológica, em locais de lazer noturno. Estas preocupações levam este grupo a adotar certas limitações, como o consumo moderado de SPA ou a adaptação do vestuário, agindo de forma preventiva face a potenciais problemas. As limitações, relacionadas com o género feminino, refletem a tentativa de domínio sobre as mulheres, restringindo a sua autonomia e criando uma desvantagem em comparação com os homens na sociedade (Pires, 2023). Em contraste, os homens cis, embora também adotem práticas preventivas, estas visam apenas evitar confrontos diretos e são aplicadas no momento da ocorrência do problema, sem afetar a sua autonomia ou vontade.

A maioria dos/as participantes reconhece a associação entre ambientes de lazer noturno e comportamentos de envolvimento sexual e afetivo, sendo homogénea a discordância em relação a esta afirmação. Embora os indivíduos tenham experienciado casos em que o envolvimento ocorre nestes contextos, mencionam que essa não é a principal motivação para as saídas. A discordância é notável nas opiniões do género oposto, que afirmam observar como principal motivação para frequentar estes locais o desejo sexual, especialmente por parte dos homens. Este parecer poderá ser fundamentado pelas características associadas à virilidade, que tradicionalmente

estiveram relacionadas com o género masculino, estando a sedução e o consumo na sua base (Pires, 2023).

A análise relativa ao consumo de substâncias psicoativas (SPA) mostra flutuações nos padrões de consumo, mais moderados ou mais intensivos, consoante os géneros. O álcool e SPA ilícitas são as mais representativas nestes locais. As perspetivas apresentadas pelos/as participantes encontram semelhanças com a literatura, ao confirmarem que o consumo de álcool é uma norma nas saídas noturnas, sendo das substâncias mais consumidas nestes contextos (Hernández et al., 2022), o que reflete a normalização deste comportamento. A prevalência do consumo de SPA revela-se mais comum nestes ambientes, como evidenciado nos dados da EMCDDA (2006).

O consumo de SPA é geralmente observado pelos/as participantes como uma fonte de desinibição, seja esta direcionada para o envolvimento sexual ou como facilitador de interações sociais. Além disso, o uso destas substâncias pode promover a exploração e a vivência de interações sexualizadas, ultrapassando as normas e papéis de género tradicionais. Os/As jovens, de um modo geral, reconhecem o potencial destes contextos para encontrar parceiros sexuais (Laumann, 2004), sendo este fator interligado ao consumo de SPA, que facilita comportamentos em conformidade com o desejo, devido ao seu efeito desinibidor.

No que se refere ao efeito que as substâncias psicoativas (SPA) proporcionam nas experiências dos/as participantes, é exposto que, para além de amplificarem as experiências positivas, permitem uma maior interação entre os indivíduos, bem como um elevado nível de energia, que facilita a sua permanência nesses contextos. Embora as consequências sejam vividas de formas distintas, há consenso em relação à observação de que as mulheres são as principais lesadas. Assim, é evidenciada uma maior vulnerabilidade das mesmas com o consumo de SPA, sendo desumanizadas pelos ofensores e percebidas como estando mais disponíveis para envolvimento sexuais, sejam estes oportunistas ou planeados (Plaza, Ferrer & Pires, 2022). Esta visão é igualmente apresentada no enquadramento por Basile (2011), que retrata os efeitos das SPA como aliciantes para os ofensores, facilitando o processo prévio à agressão.

Os dados revelam que os processos de socialização de género podem estar relacionados com as crenças associadas ao consumo de SPA e à frequência de ambientes

de lazer noturno. Embora a sobriedade seja reconhecida como uma barreira ao abuso, muitas vezes a responsabilidade é atribuída ao efeito do álcool. No entanto, percebe-se que este consumo não justifica os atos de violência sexual (Hernández et al., 2022). Os agressores são descritos como indivíduos “normais” que podem estar influenciados pelo consumo de SPA, havendo uma relação entre este e a quebra dos “comportamentos do cotidiano”. Em contrapartida, alguns participantes referem que a falta de informação pode criar ofensores, sendo essencial a educação sexual como promotora de liberdade, consenso e respeito.

Segundo Fahlberg e Pepper (2016), os atos de violência sexual perpetrados por homens têm a função de reafirmar poder, seja entre o gênero masculino ou entre diferentes gêneros. Estes atos desajustados podem ser meios para a obtenção de uma ordem patriarcal ou poder social, ignorando os direitos humanos e a integridade física das vítimas, que se tornam fatores secundários. A masculinidade hegemônica é mencionada pelos/as participantes como sendo transmitida através dos valores familiares, da religião e da cultura, promovendo a visão da mulher como pessoa submissa e de livre acesso. Esta culpabilização da vítima, confirmada pelos/as participantes, gera um impacto significativo, provocando um “estado de confusão e culpa”, onde a vítima questiona a sua real influência no ocorrido (Sundaram e Jackson, 2018).

A pornografia, associada ao sistema patriarcal, também é responsabilizada pela normalização da violência sexual e pela construção das narrativas de gênero, distorcendo o conceito de envolvimento sexual. Estudos apontam uma correlação positiva e significativa entre o uso de pornografia e a violência sexual, especialmente entre adolescentes, sendo que os consumidores de pornografia apresentam maior probabilidade de tolerância a comportamentos sexuais indesejados (Bonino et al., 2006). Estudos feministas concordam, apontando a associação do conteúdo pornográfico à violência contra as mulheres, contribuindo para a incidência de violações (Bergen et al., 2000).

Os motivos apontados pelos/as entrevistados/as indicam que a maioria dos casos de violência são, conforme mencionado nas informações obtidas através da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica, perpetrados por homens. Estes ofensores estão ligados a diferentes características demográficas, embora estas não tenham sido especificadas pelos/as participantes. Foi também exposto que os agressores pertencem à esfera

relacional das vítimas, sendo os casos de violência cada vez mais normalizados no espaço público, como afirmado por Plaza, Ferrer e Pires (2022).

Os/as entrevistados/as mencionam ainda que a maioria dos casos de violência sexual ocorre em ambientes noturnos de lazer, com uma frequência crescente (Pires, 2018).

Considerando que os Pontos Lilás atuam diretamente em casos de violência de gênero, tornou-se relevante analisar as semelhanças e diferenças no discurso dos participantes relativamente à importância destes espaços nos diferentes contextos. Neste sentido, observamos uma certa regularidade na identificação, pelos participantes, da presença da organização em locais de lazer noturnos, sendo esta vista como parte integrante do panorama de segurança. Essa percepção é reforçada por iniciativas como a distribuição de panfletos e conversas informais com os/as frequentadores/as.

Por outro lado, os/as entrevistados/as referiram algumas consequências negativas associadas à visibilidade dos Pontos Lilás, sugerindo que a sensação de vulnerabilidade pode aumentar devido à constante exibição dos possíveis riscos, o que pode prejudicar o usufruto da experiência de lazer, substituída pela preocupação com a possibilidade de uma agressão. A literatura mostra que estratégias de prevenção, como campanhas educativas e outras iniciativas, ajudam a reduzir comportamentos de risco nestes ambientes (Soares et al., 2017), sendo por isso essencial o reconhecimento dos perigos nesses contextos. Para além disso, a existência de cartazes informativos sobre os Pontos, apresenta-se essencial, de forma a facilitar a obtenção de ajuda por parte das vítimas (Pires, 2023).

Embora estas iniciativas sejam, de certa forma, educacionais, menciona-se a falta de uma intervenção prática focada na promoção da segurança dos indivíduos, questionando-se a pertinência de informações superficiais, sem o suporte de uma instrução rigorosa e objetiva de comportamentos adequados às situações. Considera-se que tal abordagem não é suficiente para atender às necessidades específicas e urgentes observadas. Contradizendo a perspectiva dos participantes, Os Pontos Lilás, apresentam como principais objetivos a prevenção da VBG, bem como a instrução e consciencialização sobre conceitos essenciais, como o respeito e a igualdade de gênero. Para além disso, há uma sensibilização e promoção da mudança de padrões

comportamentais inadequados. Um exemplo disto é a abordagem ao consumo de substâncias psicoativas, apelando a um consumo seguro, especialmente em espaços de lazer noturno, de forma a reduzir os riscos associados.

O protocolo lilás procura também melhorar o apoio em momentos de crise, através de uma intervenção bystander (Pires, 2018). Deste modo, questiona-se a eficácia real do modelo, no que respeita à prevenção e intervenção nos casos de violência. Um dos participantes exemplificou esta questão, comparando a iniciativa a uma forma de "greenwashing", referindo que os Pontos Lilás criam uma ilusão de segurança, atuando apenas após a agressão, lidando com o "problema" e não com a sua prevenção. Verificam-se, no entanto, diferenças no foco de atuação entre os Pontos Lilás de Portugal e de Espanha, ambos com o objetivo de prevenir a violência de género. Enquanto os participantes em Portugal apontam para uma intervenção centrada no apoio em crises psicológicas, em Espanha o foco principal é a prevenção, sem se dissociar da intervenção em momentos de crise.

Assim, embora a intervenção em crise não seja a única área de atuação, é essencial compreender que, em casos de elevada gravidade, como a agressão sexual, esta abordagem é imprescindível, tendo em conta os impactos psicológicos que tais eventos acarretam para o futuro das vítimas (Rodríguez, 2019). Além disso, importa salientar que, apesar de a intervenção em crises ser mais visível, o trabalho preventivo, embora menos perceptível, é igualmente fundamental, sendo os seus resultados avaliados a longo prazo.

A omissão da ação imediata é exposta pelos/as participantes, como uma falha no modelo lilás de intervenção, funcionando através de avisos graduais, permitindo que haja uma repetição de comportamentos por parte dos ofensores, até que seja justificada a expulsão. O resultado desta dinâmica passa pela permanência do perigo para os frequentadores, podendo aumentar o número de vítimas e casos de violência. Referenciando a crítica exposta ao modelo, é possível salientar que a dificuldade de distinção entre comportamentos que poderão ser desadequados ou não, permite que a insistência e o cuidado apresentado, seja percebido como limitador na sua atuação. É necessário refletir que os Pontos Lilás, apresentam o principal objetivo de ajudar a vítima, sendo considerada as consequências que derivam das agressões.

Contudo, numa visão geral, os Pontos Lilas são identificados como uma resposta eficaz na satisfação das necessidades sociais de proteção da vítima. Assim como pretendido, o modelo de intervenção adotado cumpre com o seu propósito de assegurar que qualquer indivíduo que sofra/possa vir a sofrer de violência de gênero, seja ajudado, informado e acolhido, e que lhes seja proporcionado contextos seguros (Pires, 2018). É assim expresso, por diferentes participantes, o sentimento de segurança relacionado apenas com a presença da organização nos espaços de lazer, sendo percebido como um ponto de referência positivo na eventualidade de existir um caso de agressão.

## *Conclusão*

Com o estudo em questão, foi pretendido entender as perspectivas dos jovens/adultos, frequentadores de espaços de lazer noturnos, relativamente ao papel dos Pontos Lilás, no que se refere à prevenção e atuação contra casos de Violência de Gênero. A tensão constante entre situações positivas- de diversão e satisfação-, e o perigo em momentos de agressão e desconforto, revelam o contraste das vastas experiências ocorridas nos contextos. A assiduidade dos/as participantes, nos espaços, permitiu reconhecer, à parte das vantagens focadas na interação social e descontração, riscos presentes nos mesmos, associados a diferentes formas de violência e ao consumo de SPA.

A análise dos dados, demonstrou a forte ligação entre os comportamentos observados nos contextos noturnos e as questões de gênero, e o consumo de substâncias. Estas condutas desadequadas, encontram-se, cada vez mais, normalizadas, sendo a ingestão de álcool e estupefacientes, e a permissividade, percebidas como fortalecedores de situações de VBG, permitindo uma maior vulnerabilidade das vítimas nestes locais.

Para além disso, foi compreendido que, embora os espaços sejam percebidos como contextos de descontração e de liberdade, não deixam de ser espaços onde as dinâmicas de poder e normas sociais, são defendidas e expressas, de forma intensa. Este cenário, permite visualizar os contextos de lazer noturno como perigosos, mesmo no que se refere às interações sociais. De acordo com o relato dos/as entrevistados/as, as soluções para a minimização dos perigos, como a escolha de ambientes mais seguros, as estratégias

de autoproteção e o conhecimento e respeito de limites impostos pelos sujeitos, mostram-se insuficientes para acabar com o ciclo de violência exposto no dia-a-dia dos indivíduos.

Estas preocupações revelam a necessidade urgente de atuar relativamente à sensibilização e intervenção da problemática, de forma a conseguir estabelecer segurança nos comportamentos dos/as jovens/adultos/as, assim como nos locais que frequentam.

A educação é apresentada como um dos principais instrumentos para a prevenção contra a violência com base no género, como também na desconstrução de padrões patriarcais, que sustentam condutas abusivas e violentas. Respostas como a instrução atempada dos sujeitos, através da educação sexual, aludindo a conceitos como a liberdade sexual, o respeito e o consentimento; a reeducação dos agressores, de forma a que haja uma quebra no comportamento desadequado; e o foco na responsabilidade do agressor, acabando com a culpabilização das vítimas, são estratégias observadas, pelos/as participantes, como sendo uteis para a concretização de uma abordagem ampla da prevenção.

Com base nos resultados, concluímos que os Pontos Lilás, enquanto resposta para a prevenção e atuação no assédio e violência dos espaços noturnos, são reconhecidos, respeitados e tidos como uma solução eficaz, pelos indivíduos que frequentam estes contextos. Embora sejam mencionadas críticas, e expostas possíveis melhorias na dinâmica de funcionamentos do modelo- sendo referida a necessidade de uma intervenção mais proativa e uma maior educação dos/as frequentadores/as- percebemos que o resultado do trabalho alcançado, fora da atuação que é presencialmente observada pelos/as frequentadores/as, nem sempre é acessível e percecionado pelos mesmo/as. Deste modo, mesmo sem esta noção, os Pontos Lilás são apresentados como uma mais-valia nos locais, provocando um sentimento de segurança nos sujeitos presentes.

### Referências Bibliográficas

Basile, K. C., & Smith, S. G. (2011). Sexual violence victimization of women: Prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *American journal of lifestyle medicine*, 5(5), 407-417.

Beauvoir, S. de. (1949). *O Segundo Sexo* (Vol. 1., pp. 1-12). Nova Fronteira.

Bergen, R. K., & Bogle, K. A. (2000). Exploring the connection between pornography and sexual violence. *Violence and victims*, 15(3), 227.

Bonino, S., Ciairano, S., Rabaglietti, E., & Cattelino, E. (2006). Use of pornography and self-reported engagement in sexual violence among adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 3(3), 265-288.

Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: Experiments by nature and design. *Harvard University Press google schola*, 2, 139-163.

Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519-531.

Carvalho, M. C., Pires, C. V., Macedo, I., Valente, H., Pinto, A. L. C., Martins, D., ... & Frango, P. (2019). Community-based full-spectrum harm reduction approaches when caring for psychoactive-and psychedelic-related problems in a transformational festival. *Advances in psychedelic medicine: State-of-the-art therapeutic applications*, 309-397.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Edições Sílabo

Davis, K., Stepanik, L., Rankmore, S., & Given, K. (2019). UBC Nightlife Events: Women, Transgender, Femme and Nonconforming People.

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (2024). *Understanding Europe's drug situation in 2024 – key developments*. [https://www.euda.europa.eu/sites/default/files/pdf/31882\\_en.pdf?632663](https://www.euda.europa.eu/sites/default/files/pdf/31882_en.pdf?632663)

Fahlberg, A., & Pepper, M. (2016). Masculinity and sexual violence: Assessing the state of the field. *Sociology Compass*, 10(8), 673-683.

Goode, E. (2006). The sociology of drug use. *21st Century Sociology*, 415-24.

Grazian, D. (2007). The girl hunt: Urban nightlife and the performance of masculinity as collective activity. *Symbolic interaction*, 30(2), 221-243.

Gunby, C., Carline, A., Taylor, S., & Gosling, H. (2020). Unwanted sexual attention in the night-time economy: Behaviors, safety strategies, and conceptualizing “feisty femininity”. *Feminist Criminology*, 15(1), 24-46.

Gundumogula, M., & Gundumogula, M. (2020). Importance of focus groups in qualitative research. *International Journal of Humanities and Social Science (IJHSS)*, 8(11), 299-302.

Hernández, L. P., Montero, R. F., & Pires, C. V. (2022). *Sexism free night: research report (sexualised violence in nightlife environments)*.

Lawn, W., Aldridge, A., Xia, R., & Winstock, A. R. (2019). Substance-linked sex in heterosexual, homosexual, and bisexual men and women: An online, cross-sectional “Global Drug Survey” report. *The journal of sexual medicine*, 16(5), 721-732.

Layard, A., Hyman, L., & Nicholls, E. (2017). Women's Nightlife: Exploring Gendered Spaces and the Experiences of Women in the Night-Time Economy. *Gender, Work and Organization*, 24(4), 396-413. <https://doi.org/10.1111/gwao.12170>

Measham, F. (2004). Play space: Historical and socio-cultural reflections on drugs, licensed leisure locations, commercialisation and control. *International journal of drug policy*, 15(5-6), 337-345.

Miller, R. J. (2013). *Drugged: The science and culture behind psychotropic drugs* (pp. 3-6 )Oxford University Press.

Mozzato, A. R., Grzybovski, D., & Teixeira, A. N. (2016). Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software nvivo®. *Revista Alcance*, 23(4 (Out-Dez)), 578-587.

Nordfjærn, T., Bretteville-Jensen, A. L., Edland-Gryt, M., & Gripenberg, J. (2016). Risky substance use among young adults in the nightlife arena: An underused setting for risk-reducing interventions?. *Scandinavian journal of public health*, 44(7), 638-645.

Pedersen, W., Tutenges, S., & Sandberg, S. (2017). The pleasures of drunken one-night stands: Assemblage theory and narrative environments. *International journal of drug policy*, 49, 160-167.

Pires, C. V., Carvalho, M. C., & Carvalho, H. (2022). *Certificação Sexism Free Night: da visibilização do assédio sexual à criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário no Porto*. *Ex aequo*, (45), 177-194.

Pires, C. V., Pereira, R., Valente, H., & Carvalho, H. (2018). Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: podem os contextos festivos ser educativos. *Revista ex aequo*, 37, 143-158.

Pires, C.V. (2023). “Relações de poder e construções genderizadas sobre o uso de drogas: uma perspetiva socio-histórica com foco em mulheres que consomem drogas”. In Neves, S. & Correia, A.P. (coord.), *Dinâmicas criminais e de vitimação juvenis*.

Plaza, L., Ferrer, R. & Pires, C. V. (2022). *Sexism Free Night – Research Report*. *Sexism Free Night European Project*. [www.sexismfreenight.eu](http://www.sexismfreenight.eu)

Prego-Meleiro, P., Montalvo, G., Garcia-Ruiz, C., Ortega-Ojeda, F., Ruiz-Perez, I., & Sordo, L. (2022). Gender-based differences in perceptions about sexual violence, equality and drug-facilitated sexual assaults in nightlife contexts. *adicciones*, 34(4).

Rodríguez, R.G. (2019). Resignifying the Puntos Lila. *Learning experiences and new challenges to contribute to the elimination of sexist violence*. Associació Drets Sexuais i Reproductius. Disponível em: <https://lassociacio.org/wp-content/uploads/2019/02/CAST-Publicaci%C3%B3n-RESIGNIFICANDO-LOS-PUNTOS-LILA.pdf>

Soares, M., Carvalho, M. C., Valbom, M., & Rodrigues, T. (2017). Tackling harm reduction, human rights and drug uses on recreational environments: Tensions, potentialities and learnings from the KOSMICARE Project (Portugal). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (112), 3-24.

Tavara, L. (2006). Sexual violence. *Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology*, 20(3), 395-408.

Vaadal, K. (2020). Navigating nightlife: women's discourses on unwanted attention in nightlife settings in Norway. *Gender, Place & Culture*, 27(7), 1023-1043.

## *Anexos*

*Anexo I- Codificação de atribuições no âmbito da apresentação de resultados*

CM: Entrevistas individuais realizadas a homens cisgênero (*cis male*)

FG (1 e 2): Entrevistas realizadas no âmbito do *focus groups*

P: Participante

Anexo II - Tabela de codificação e categorização de resultados

<b><i>1. Diferenças de género na perceção da (in)segurança em ambientes de lazer noturno (A 9 / R 47)</i></b>		
Esta categoria engloba as principais características e perigos dos locais de lazer noturno escolhidos pelos/as jovens		
<b><u>Subcategorias</u></b>	<b><u>Definição</u></b>	<b><u>Excertos</u></b>
<b><i>1.1. Características dos ambientes de lazer noturno e perceção de segurança (A 8 / R 15)</i></b>	Incluem-se as particularidades atrativas dos locais de lazer noturno e os argumentos dos/as jovens, relativamente à sua segurança	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “where there is more freedom to enter as you like” (FG1_P6)</li> <li>- “it’s always in places where there’s alcohol and other things “the music thing is quite important”(CM_P3)</li> <li>- “more like street parties, local festivals or maybe Festes Majors and stuff like that” (CM_P2)</li> <li>- “I’d look for more LGBTI spaces” (CM_P3)</li> <li>- “in nightclubs, and it's being exploited, it's sexualising women just at the entrance” (FG2_P3)</li> <li>- “I think it is a danger, especially in environments where minors are allowed to enter and where adults also participate.” (FG2_P5)</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “we act as a group and if you’re not comfortable and</li> </ul>

<p><b>1.2. Percepção de insegurança, cuidado e comportamentos de auto-proteção (A 9 / R 32)</b></p>	<p>Incluem-se as diferentes inseguranças e perigos dos contextos de lazer noturno, assim como os métodos de amenização/superação dos mesmo, adotados pelos/as jovens</p>	<p>there are 4 of us, then we all leave” (CM_P1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “I’m really scared of getting like- hate attacks for being trans, you know” (FG1_P2)</li> <li>- always make sure the drink is closed, that they don't give it to you opened" (FG2_P5)</li> <li>- “we meet up and go to a friend's house and I'm wearing trousers and when I get there I might change and put on a skirt” (FG2_P2)</li> <li>- “well I’d feel uncomfortable, because of the presence of men who might give me bad looks or whatever else” (CM_P3)</li> <li>- “suffer any type of- of aggression or violence” (FG2_P5)</li> </ul>
---	--	--

<p><b>2. Consumo de álcool e outras SPA como facilitadores da violência de género (A11 /R 74 )</b></p>		
<p><i>Esta categoria engloba as perspetivas dos/as jovens, relativas às motivações, vantagens e desvantagens e consequências das representações de género, associadas ao consumo de SPA nos locais de lazer noturno</i></p>		
<p><b><u>Subcategorias</u></b></p>	<p><b><u>Definição</u></b></p>	<p><b><u>Excertos</u></b></p>
<p><b>2.1. Expectativas sexuais associadas ao consumo de substâncias psicoativas em saídas à noite (A 9/R 21)</b></p>	<p>Incluem-se as motivações e expectativas ligadas ao consumo de SPA e envolvimento sexual nos ambientes de lazer noturno, e a relação entre ambos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “So, I do drink, but what people normally do is drink and smoke”(CM_P2)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“mainly alcohol, secondarily I’d only say Poppers”</i> (CM_P3)</li> <li>- <i>“it’s true that they use alcohol to be able to socialise”</i> (FG1_P5)</li> <li>- <i>“I wanted to be accepted and I wanted to feel appreciated”</i> (FG1_P1)</li> <li>- <i>“it gives you more energy, maybe if you’re trying to get off with someone, it might get you hornier”</i> (CM_P3)</li> <li>- <i>“it’s like flirting doesn’t play an important role”</i> (CM_P2)</li> <li>- <i>“The sexual desire, in general, is like when you go partying with men is very high and with women is like...it goes unnoticed”</i> (FG2_P6)</li> </ul>
<p><b>2.2. Perceção de benefícios e riscos associados ao consumo de substâncias psicoativas em ambientes de lazer noturno (A 10 / R 24)</b></p>	<p>Incluem-se as perspetivas das vantagens e desvantagens do consumo de SPA nos contextos de lazer noturno</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“I might try to drink a little bit to calm my nerves,”</i> (CM_P1)</li> <li>- <i>“That feeling of disinhibition and that it’s easier to relate to people. Like your worries slip away a bit.”</i> (CM_P2)</li> <li>- <i>“easy ways is to get high and take X substances in order to have an affective experience, it doesn’t have to be sexual”</i> (FG1_P4)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “I wanted other people to see me as one of them, and all that.” (FG1_P1)</li> <li>- “being drugged losing the... the ability”(FG2_P3)</li> <li>- “if they drink alcohol they’re more sexually available maybe because they think that they’re less than normal. And maybe you view the less human as having less rights” (FG1_P5)</li> <li>- “if you’re especially drunk, you’re less aware, right?” (CM_P3)</li> </ul>
<p><b>2.3. Representações de género associadas ao consumo de substâncias psicoativas(A 11 / R 29)</b></p>	<p>Incluem-se as representações de género e as perceções dos/as jovens em relação à vulnerabilidade destas, nos ambientes de lazer noturno, associado ao consumo de SPA</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “mindset that most women don’t do drugs unless they’re a femme fatale” (FG1_P1)</li> <li>- “a lot of women who drink are perceived that way, hmm... I think people often don’t perceive that they can drink to have a good time” (FG1_P1)</li> <li>- “before that if you don’t drink alcohol nothing will happen to you and all that.” (FG2_P1)</li> <li>- “Or scenes of girls waking up the next day with a hangover: what happened to me? And at the end they see that they have been raped, of course” (FG2_P5)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “barriers that we would put up if we were- "sober" also disappear. In other words, at the end the negatives disappear more easily, like you also lose a bit” (FG1_P5)</li> </ul>
--	--	---

### **3. Representação sobre a violência sexual em ambientes de lazer noturno (A 14 / R 82)**

*Nesta categoria identificam-se a percepção dos/as participantes no que se refere às crenças de gênero, às experiências vividas/observadas, como também, às características dos ofensores, nos contextos de lazer noturnos*

<b><u>Subcategorias</u></b>	<b><u>Definição</u></b>	<b><u>Excertos</u></b>
<b>3.1. Processos de socialização de gênero (A 13 / R 35)</b>	Incluem-se a percepção dos/as participantes, relativamente à socialização de gênero e à sua relação com as crenças de gênero, associadas ao consumo de substâncias psicoativas e à frequência de ambientes de lazer noturno.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “like cis men dodge the issue and end up like instrumentalising racism” (FG1_P52)</li> <li>- “if you’re a cis man you can do whatever you want” (FG1_P4)</li> <li>- “like be careful how much you go out at night, girls, and watch your drink, well, of course, that if anything happens to you it’s your fucking fault” (FG1_P1)</li> <li>- “And it’s an access that allows them to validate their own selves and reinforce their masculinity” (FG1_P6)</li> <li>- “for someone to talk about sexual crimes without referring to the fact that we live in a patriarchal system, it seems to me like dodging the issue” (FG1_P6)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- ““well, he was drunk and he didn't know what he was doing”” (FG1_P5)</li> <li>- “I mean there has to be how - sexual freedom accompanied by sexual education in order to understand” (FG2_P6)</li> </ul>
<p><b>3.2. Experiências descritas nos contextos de lazer noturnos(A 12 / R 35)</b></p>	<p>Incluem-se as experiências vividas/observadas pelos/as entrevistado s/as, nos contextos de lazer noturno, associados, ou não ao consumo de SPA</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “she stuck me in the middle, and I was there in the middle, rubbing a bit ((laughs)) against the guy, because she was uncomfortable, but well, she was there and we left and that was it” (CM_P1)</li> <li>- “But there was like... someone trying to hit on me, like really uncouth, really weird” (CM_P2)</li> <li>- “Not in my case, but because everyone sees me as a cis man. Also, I’m enormous and the only time they tried to mug me I said no and they ran away” (FG1_P3)</li> <li>- “I’ve seen it in ((unintelligible)) a bar that we always go to and I’ve noticed it in loads of people and they told the people at the bar and they called 112” (FG1_P3)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “was an aggression I suffered from, at the time, a supposed friend” (FG1_P3)</li> </ul>
<p><b>3.3 Perfil dos agressores em ambientes de lazer noturno(A 9/R 13)</b></p>	<p>Incluem-se as características relacionadas pelos/as participantes aos ofensores, presentes nos locais de lazer noturno</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “I’ve also worked at the group’s <i>punt lila</i>, then I found out a lot of things, that most of the cases were because of guys, girls there were one or two” (FG1_P5)</li> <li>- “I mean, objectively it’s been proved that men assault sexually more frequently- either to women or minors” (FG2_P5)</li> <li>- “Man, around about 30 or above, not much older either, I mean, not much older either, but a bit older, yeah.” (CM_P1)</li> <li>- “maybe people with less education” (CM_P1)</li> <li>- “I imagined him to be a stranger.” (CM_P1)</li> <li>- “They tend to be normal people. Nor is it like falling into the mind-set of the aggressor, who’s a sleaze or older person, right” (CM_P2)</li> <li>- “Yes, men... I’d like to say heterosexuals, but there are loads of queer men who do this too. Young guys” (CM_P3)</li> </ul>

- |  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “I’m 100% sure that this happens at the home of a relative, friends or a colleague, in a “safe” space” (FG2_P4)</li> </ul> |
|--|--|---|

#### 4. Reflexão sobre a intervenção e os modelos Pontos Lilás (A 11 / R 33)

*Nesta categoria identificam-se as diferentes percepções dos/as joven relativamente à eficácia e utilidade do modelo proposto pelos Pontos Lilás, no que toca à prevenção e atuação na seguranças dos contextos de lazer noturno*

##### Excertos

- “The fact is that the *punt lila* is pretty useless, because I know more or less how a *punt lila* works, and it makes no sense. I mean, it’s like greenwashing, it looks the same to me” (FG2\_P5)
- “It seems to me, on the one hand, that rules are useful if they grant autonomy to people, it’s like a rule isn’t there to make sure nothing happens, I mean, who decides at what point that staring at someone is aggression, right?” (FG1\_P2)
- “And then, regarding the Purple Points, I have an internal tension that on the one hand I really like to party and feel that there is a space where I can go if I have a problem (...) Like cool, because I’ll go if something happens to me but it’s like: I’m already being reminded, like all the time, that I might get raped tonight or what- or that I might get assaulted. And it’s like “man, I wanted to have a good time and now they’re talking about me being a woman again” (FG2\_P6)
- “Yes, it is perhaps that the Purple Point has been visualised as a rescue, so to speak, but it also has a part of...sex education that is not being carried out, because normally they have the “pamphlets” there...or condoms and stuff but “why do I want that?” (FG2\_P3)
- “It’s like much cooler to go to a party and have a Purple Point” (FG2\_P2)
- “I mean, I think it’s more about knowing that there is a Purple Point” (FG2\_P3)
- “I haven’t seen one, but let’s say that at festivals, they’re quite visible, they’re quite visible” (...)“I think they’re very good, I mean, I think they’re a response to a social need. If you find that you have an endemic problem of continuous assaults, then the least you can do is provide a service for the victims, and in this sense, I think it’s very good, they should be everywhere and what’s more, I don’t know if this is the case but I imagine that if, if there are more aggressions in leisure spaces, then even more so.”(CM\_P1)
- “Well, I think they’re very necessary, like to have a point of reference” cm 2

- “I mean, I do feel calmer in the sense that... well, I know it’s a safe party” (...) “Because I think that the space has everything that’s required.” (CM\_P3)
- I think there are a lot of *punts liles* that are powerful, that have cool hooks” (FG1\_P2)